



Agora que os gregos voltaram a olhar-se ao espelho, vêem o quê?

A crise grega matou muita coisa, mas ressuscitou o documentário. *Demokratia* mostra quatro políticos gregos em campanha durante o momento mais crítico do país. Passa hoje, às 21h30, no cinema São Jorge

DocLisboa
João Dias

Marco Gastine faz questão de não usar voz *off* nos seus documentários. “Já estamos fartos de propaganda, não aguentamos mais que nos digam o que devemos pensar. O que eu digo é ‘tomem lá isto e tirem as vossas conclusões’.” Em *Demokratia*, Gastine segue a campanha eleitoral de quatro políticos gregos: um socialista, do PASOK; um conservador, da Nova Democracia (ND); uma candidata da esquerda radical, do Syriza; e um candidato neonazi, da Aurora Dourada. A Grécia mudou, e Gastine filmou-a em plena metamorfose.

“Escolhi estes quatro partidos porque representam o estado da política grega. De um lado estão os dois partidos tradicionais, os socialistas

e os conservadores, que estão a cair aos bocados. E do outro estão os dois partidos emergentes, o Syriza e a Aurora Dourada, que estão em autêntica escalada”, explicava ontem ao PÚBLICO, na Culturgest, em Lisboa.

Gastine rejeita o *cliché* que diz que “todos os políticos são iguais”. Nikos Kostopoulos, o candidato conservador, “é o mais jovem, mas é o que faz mais política à antiga. Vem da juventude partidária da ND, o pai era deputado e passou-lhe o assento parlamentar. E ele faz o mesmo com as pessoas à sua volta, puro clientelismo”, conta. Em *Demokratia*, a câmara fica ligada durante uma conversa entre o conservador e um guarda prisional que lhe diz que toda a sua família votará nele. E depois pede-lhe um emprego como seu guarda-costas, caso Kostopoulos seja eleito. O filme acompanha também

Durante a campanha eleitoral de 2012, “os políticos nem sequer podiam ir à rua, as pessoas gritavam-lhes e mandavam-lhes iogurte para cima”, descreve o realizador

o socialista Yannis Ragousis, “um cavalheiro da política, muito moderno, gentil, experiente e que dá a mão à palmatória”.

Menos experiente na política, a candidata do Syriza Rena Dourou ficou conhecida mundialmente quando, durante um debate em directo na televisão, o porta-voz do partido neonazi Aurora Dourada lhe atirou um copo. A lente de Gastine segue também Ilias Panagiotaros, uma das cabeças do partido neonazi Aurora Dourada e da sua estratégia de campanha. Gastine sentiu a necessidade de realizar este documentário ao ver a mudança abrupta da relação entre os gregos e os seus políticos. Se antes da crise os partidos políticos faziam “grandes comícios na praça principal de cada cidade grega, com muitas luzes e uma grande encenação teatral”, o cenário das eleições de 6 de Maio foi completamente diferen-

te. Durante essa campanha eleitoral, “os políticos nem sequer podiam ir à rua, as pessoas gritavam-lhes e mandavam-lhes iogurte para cima”.

Saudades do vinho

Mas a mudança já vinha de trás. Marco Gastine tem saudades da Grécia que há 33 anos o conquistou e o fez escolhê-la como casa. “As pessoas passavam as noites nas tavernas, a conversar, bebiam meio litro de *retsina* e comiam *meze* a noite toda”, evocando um vinho branco grego que já não encontra em Atenas e os acepipes que o acompanham.

“Dantes, quando o calor apertava no Verão, as pessoas dormiam nas varandas, nos terraços, nos telhados, porque ninguém tinha ar condicionado”, conta. “Agora passam as noites fechadas em casa, a ver programas de televisão péssimos enquanto comem porcarrias. Ficam gordos, gordos, gordos! Há 33 anos, os gregos eram todos magros!”, queixa-se, num inglês com sotaque grego e francês.

Ser francês em Atenas é, para Gastine, uma vantagem. “Vejo interesse em coisas que os gregos pensam que são perfeitamente normais e que nunca lhes tiraram um segundo de reflexão na vida”, explica. Esta diferença surge “porque os gregos não estão habituados a olhar para si próprios”, diz.

E aponta dedo à indústria cinematográfica grega: “Se vímos a maior parte dos filmes gregos, até os anúncios, as pessoas que lá aparecem são uma cópia dos novos-ricos americanos. Mas os gregos não são assim! E pergunto-me sempre: onde é que eles vão buscar esta gente?”

A crise pode estar a mudar o olhar grego. Em Setembro de 2009, o documentário *Themis*, um retrato de Gastine dos tribunais gregos, estreou-se nos cinemas gregos. Teve pouco sucesso. Em Janeiro de 2010, quando os gregos ainda se inteiravam do enorme buraco financeiro que tinham em mãos, *Themis* passou na televisão pública, em horário nobre, com 2% de *share* de audiências. Em 2011, em plena crise, num horário nada nobre, o filme voltou à TV e teve uns inesperados 10,5% de audiência.

O que mudou? “De repente os gregos querem isto: querem olhar-se ao espelho para saberem como são”.



Marco Gastine filmou a Grécia num momento crítico, em que os gregos mudaram a forma como se relacionam com a política e os políticos